



O SIGNIFICADO POLÍTICO DA EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT

Brendo Stoco Vidal
Joelson Pereira de Sousa

RESUMO

O presente artigo intitulado “O significado político da educação em Hannah Arendt” tem como objetivo problematizar as reflexões de Hannah Arendt sobre a crise da modernidade e sua manifestação na esfera da educação, considerando também os trabalhos de alguns comentaristas dedicados à investigação dessa temática na obra de Arendt. No primeiro momento são apresentados aspectos históricos da crise, que dão conta da abordagem dos fundamentos sobre os quais se estruturou o desenvolvimento cultural do Ocidente, a saber, a religião cristã, a tradição e a autoridade, instâncias que uma vez abaladas foram responsáveis pela crise geral que se abateu sobre a modernidade. Na segunda parte do texto discute-se a crise de modo geral e sua manifestação na esfera educacional, com destaque para a concepção de educação apresentada por Arendt, na qual a educação é o espaço privilegiado para o encontro de gerações. Ainda neste ponto, avançamos para a relação entre educação e a crise geral da modernidade, pensada por Arendt na forma de pressupostos de uma crise na educação. Finalmente na terceira parte do texto, discute-se o papel do educador e o paradoxo da educação frente ao passado, ocasião em que a autora aponta uma dupla responsabilidade do educador e o seu papel no contexto educacional, isso porque, de acordo com Arendt, a crise oferece a oportunidade de analisar e problematizar o processo educacional. Nesse percurso ainda é importante citar o contato com estudiosos do pensamento arendtiano no cenário nacional, como Vanessa Sievers de Almeida, Davison Schaeffer de Oliveira, Cleryston Petry e Sônia Maria Schio.

PALAVRAS-CHAVE: Hannah Arendt; Política; Educação; Crise da Modernidade

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado “O significado político da educação em Hannah Arendt” tem como objetivo problematizar suas reflexões sobre a crise da modernidade e o modo como essa se manifesta na esfera da educação. No primeiro momento são apresentados aspectos históricos da crise: a decadência da religião cristã, da tradição e da autoridade, instâncias que uma vez abaladas foram responsáveis pela crise geral que se abateu sobre a modernidade. Na segunda parte discute-se a crise de modo geral e sua manifestação na esfera educacional, com destaque para a concepção de educação apresentada por Arendt: o encontro entre gerações e, portanto, lugar privilegiado para o



entendimento das ações humanas. Por fim, discute-se o papel do educador e o paradoxo frente ao passado, ocasião em que a autora aponta uma dupla responsabilidade do professor no contexto educacional: apresentar o mundo velho para os novos recém chegados. Nesse percurso ainda é importante citar o contato com estudiosos do pensamento arendtiano no cenário nacional, como Vanessa Sievers de Almeida, Davison Schaeffer de Oliveira, Cleryston Petry e Sônia Maria Schio.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRISE DA MODERNIDADE: RELIGIÃO, TRADIÇÃO E AUTORIDADE

A CRISE DA RELIGIÃO

Ao longo dos tempos, a religião cristã, desenvolveu um papel central no estabelecimento das condições mais fundamentais para o surgimento e permanência de um modo de vida que resultou na cultura ocidental. Seja por meio das crenças dogmáticas ou pela organização política de suas instituições, a religião sempre constituiu uma base sólida, o “chão estável”, para um modelo de sociedade que perdurou durante séculos no ocidente.

De certa forma, foi a religião cristã, a responsável por sustentar uma determinada visão de mundo presente no modo de agir e de pensar dos indivíduos no mundo ocidental. Por meio desta visão religiosa do mundo, as pessoas puderam compreender o sentido da sua existência e o lugar delimitado para sua atuação. Mesmo com a existência de conflitos todos legitimavam seu ponto de vista a partir de uma mesma base religiosa.

Na abordagem histórica trazida por Hannah Arendt, a religião faria parte daquilo que ela chama de “trindade romana”, na qual a tradição, a religião e a autoridade, constituem uma base elementar da preocupação dos romanos de fundar cidades, e a partir dessa fundação, garantir a permanência daquilo que foi fundado, exigindo para isso, um certo grau de união, capaz de ligar ao passado todas as gerações futuras.

A CRISE DA TRADIÇÃO

Hannah Arendt, quando trata da crise da modernidade, apresenta interconexões com outras crises, qual sejam, a crise da religião e a crise da tradição. Em sua visão, não seria possível falar de uma, sem explicitamente alcançar a outra. No entanto, a autora aponta alguns elementos capazes de provocar uma compreensão sobre uma crise especificamente na tradição, destacando os reflexos



desta crise na crise geral da modernidade.

Segundo a autora, há uma perda inegável da tradição no mundo moderno. Mas essa perda não leva explicitamente a uma perda do passado, posto que tradição e passado não são de modo alguma a mesma coisa. De acordo com Arendt (2013), “com a perda da tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado; esse fio, porém foi também a cadeia que aguilhou cada sucessiva geração a um aspecto predeterminado do passado.” (p.130).

Compreende-se então que, a perda da tradição significa perder o fio condutor, ou seja, os ideais transcendentais que durante muito tempo conferiram segurança para a compreensão do passado. De acordo com Oliveira (2006), “O passado é santificado através da tradição que se preserva nas próximas gerações e se engrandece no transcurso do tempo a partir do testemunho da sagrada fundação.” (p.8).

A CRISE DA AUTORIDADE

De acordo com Hannah Arendt a crise da autoridade é a consequência final das crises da religião e da tradição e, por isso, consolida-se como a crise mais emblemática e decisiva quanto à decadência da autoridade do passado. Com isso, Arendt traz uma importante reflexão que nos permite problematizar o centro da crise que se abateu sobre a modernidade, a saber, o desaparecimento da autoridade no mundo moderno

A autora nos leva primeiro a compreender o conceito de autoridade, conceito esse que se tornou bastante controverso e confuso, sendo na maioria das vezes que é apresentado, associado a regimes totalitários e uso da força. O que Hannah Arendt, apresenta então, é que sendo esse conceito compreendido de formas tão equivocadas e até tendo sido a base de tantas formas autoritárias de governo, não estamos mais em posição de saber o que autoridade realmente é. De acordo com Arendt (2013),

A relação autoritária entre o que manda e o que obedece não assenta nem na razão comum nem no poder do que manda; o que eles possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e no qual ambos têm seu lugar estável predeterminado. (p.129)

Pela razão da autoridade sempre exigir uma devida obediência, acaba por ser confundida com algum sistema de poder ou violência. Pensar dessa maneira é ignorar o fato de que a autoridade elimina a utilização de meios externos de coerção: onde a força é usada, a autoridade em si própria fracassa. Segundo Arendt (2013) “A característica mais proeminente dos que detêm autoridade é



não possuir poder.” (p.164). Segundo Hannah Arendt a perda da autoridade, é somente a fase final, mas decisiva de um processo que durante vários séculos solapou basicamente a religião e a tradição.

A REPERCUSSÃO DA CRISE DA MODERNIDADE NA EDUCAÇÃO

Hannah Arendt em sua obra *Entre o Passado e o Futuro* de 1961, especificamente no ensaio ‘A crise na educação’, apresenta uma reflexão a respeito de uma crise geral que se abate sobre o mundo moderno, tendo nos Estados Unidos da América reflexos diretos no sistema educacional. Hannah Arendt percebe a educação como um campo capaz de reunir e ao mesmo tempo manifestar aspectos dessa crise global da modernidade, por isso, em destaque no seu texto aparece a análise das consequências dessa crise na educação.

A autora afirma que essa crise não está presente somente na educação americana, campo que ela pôde fazer observações, mas em um âmbito global, afirmando que:

[...] há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. É justamente essa crença que se tem demonstrado invariavelmente falsa em nossa época [...]” (ARENDR, 1961, p.222)

Hannah Arendt (1961) apresenta então três pressupostos básicos, que são mais do que familiares, para a compreensão da crise, e da decadência do sistema educativo. O primeiro é o modo de tratar as crianças, compreende-se que há um isolamento das crianças, onde lhes é concedida certa autonomia, ao ponto de permitir que elas se governem e que os adultos apenas auxiliem esse governo, perdendo a sua autoridade sobre a criança. São criadas instituições infantis, que visam trabalhar uma educação baseada não na autoridade do adulto, mas sim na autonomia da criança. O que ocorre é que não se torna liberta da autoridade do adulto, mas torna-se subjugada a tirania da maioria do próprio grupo de crianças que foi formado.

O segundo pressuposto que surge presente na crise, está relacionado ao ensino. A formação dos professores é voltada para estratégias de ensino, e não para o conteúdo ensinado, ocorre então que, segundo a autora:

Como o professor não precisa conhecer sua própria matéria, não raro acontece encontrar-se apenas um passo à frente de sua classe em conhecimento. Isso quer dizer [...] que não apenas os estudantes são efetivamente abandonados a seus próprios recursos, mas também que a fonte legítima da autoridade do professor, como a pessoa que, seja dada a isso a forma que se queira, sabe mais e pode fazer mais que nós mesmos, não é mais eficaz. (ARENDR, 1961, p.231)



Compreende-se então que há um esvaziamento do conteúdo a ser ensinado. O terceiro pressuposto está relacionado com a aprendizagem, no sentido do pragmatismo, ou seja, substituir o aprendizado pelo fazer. Uma aprendizagem que visa não levar os estudantes, a serem críticos, e refletirem acerca do que aprendem, mas apenas visa inculcar habilidades, seria um ensino tecnicista, ensinando apenas aquilo que será utilizado de imediato. As instituições de ensino são então transformadas em profissionalizantes, buscando apenas o interesse do adulto, que espera obter dessas instituições, mão de obra para empresas.

Ainda neste terceiro pressuposto, Hannah Arendt (1961) faz uma crítica ao ideal de autonomia da criança, no sentido em que a autonomia gera a quebra de relação entre ensino e aprendizagem, quando a criança é excluída do mundo dos adultos e mantida de forma artificial no seu próprio mundo, na medida em que este pode ser considerado um mundo. Propõe-se então uma educação conservadora, baseada na autoridade (saber) do professor e não na autonomia da criança, levando-se em conta a obrigação que a existência das crianças coloca a todas as sociedades humanas.

O QUE É AUTORIDADE?

Hannah Arendt, também na sua obra *Entre o Passado e o futuro* (1961), especificamente no ensaio 'Que é autoridade?', apresenta e discute o surgimento de uma crise da autoridade como resultado de uma crise geral da modernidade. Para isso, ela busca compreender o surgimento do termo autoridade, o uso que é feito desse termo e qual o seu real significado histórico.

De acordo com a autora o conceito de autoridade se tornou bastante controverso e confuso, sendo na maioria das vezes associado a regimes totalitários e ao uso da força. O que Hannah Arendt, considera então, é que sendo esse conceito compreendido de formas tão equivocadas não estamos mais em posição de saber o que autoridade realmente é. Por isso, ela propõe realizar uma reconsideração histórica do que foi a autoridade: onde surgiram as fontes de sua força e significação, sem perder de vista a necessária distinção acerca do que nunca foi a autoridade.

Por conseguinte, Hannah Arendt considera que a perda da autoridade, tão marcante no mundo moderno, é somente a fase final e decisiva de um processo que durante vários séculos solapou basicamente as estruturas conferidas nos âmbitos da religião e a tradição. Com isso, evidencia interconexões entre religião, tradição e autoridade, provocando em certa medida uma necessária avaliação do modo como nos relacionamos como o passado.



A EDUCAÇÃO E O ENCONTRO DAS GERAÇÕES

Sônia Maria Schio em sua obra *História e Liberdade no pensamento de Hannah Arendt* (2012), apresenta e problematiza a educação a partir do pensamento de Hannah Arendt (1961). Tratando sobre ética, a autora levanta a questão de que na ética há uma preocupação frequente com as novas gerações. Ela então apresenta alguns fatores e aspectos presentes no pensamento de Hannah Arendt, sobre educação, dentro do que a mesma vem tratando em sua obra.

A autora compreende o fato de que os recém-chegados necessitam conhecer o mundo que eles fazem parte. Daí conhecer sua história, regras, hábitos, leis devem saber viver, pensar e agir dentro desse espaço. Como a criança é nova no mundo, ela carece de um período de preparação para participar desse mundo. E a introdução dos novos ocorre por meio da educação. A questão da educação requer uma reflexão sobre o seu papel, devido às obrigações que a natalidade impõe para toda a sociedade.

A educação atua então, segundo Hannah Arendt preparando a criança para o mundo dos adultos, ocorre então que ela não incentivar a criança a permanecer sempre em mundo que é infantil, lúdico, pois dessa forma a criança fica excluída do espaço adulto de convivência. Pois dessa forma, ela ficará de forma artificial em um espaço que somente provisório na vida humana.

Há uma necessidade de o jovem ser introduzido no mundo, e no passado, sendo os dois mais antigos do que ele. Mas para que isso venha a acontecer, é necessário um relacionamento natural entre as crianças e os adultos. Já sendo compreendido que a infância é uma etapa temporária, de preparação para a vida adulta, que o tempo é duplo: momentos de brincadeira e também de atividade séria, deve-se então buscar sempre enfatizar o conhecimento. Com o passar do tempo, a criança se tornará responsável pelo mundo.

A CRISE NA EDUCAÇÃO E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Vanessa Sievers de Almeida (2012) em sua obra *Educação em Hannah Arendt: Entre o mundo deserto e o amor ao mundo*, especificamente no capítulo 'A crise na educação', apresenta uma análise da crise na educação, assunto este tratado na obra, *Entre o Passado e o Futuro de Hannah Arendt* (1957). Dessa forma, ela problematiza os aspectos da crise apresentados por Arendt, buscando melhor compreensão dos mesmos.



Segundo Almeida (2012), “É por meio da educação que cada comunidade introduz as novas gerações em seu modo específico de existência” (p.20). Logo compreende-se, que a educação para autora tem papel essencial na comunidade, e o surgimento de uma crise na educação, leva a uma desestabilização e também ao desafio de se orientar novamente.

Segundo a autora pra conhecer o mundo, de modo a ter informações sobre ele, não há necessidade da escola. O papel do educador vai muito além, e pode ser entendido como um mediador entre o mundo e os jovens. O Educador não somente apresenta o mundo, mas representa o mundo diante dos “forasteiros”.

Dessa forma o professor tem autoridade frente aos recém-chegados, autoridade essa que reside no seu ofício de representante que o autoriza a introduzir os novos no mundo. E esse atributo do professor não é algo arbitrário e não tem origem na sua pessoa, mas nos saberes, valores e princípios do mundo comum e da instituição escolar que ele é representante.

A modernidade põe em questionamento o que antes era considerado sagrado, mas não estabelece nada em seu lugar. Logo não existe uma medida que tenha validade por si mesma e que seja aceita por todos. Ocorre que quando mais nada pode ser considerado intocável, quando tudo pode ser posto em questionamento e necessita ser justificado, a autoridade perdeu seu fundamento.

Isso é compreendido como um sinal de aprofundamento da crise, o fato que ela alcançou até a esfera pré-política da educação, abalando a autoridade de pais e professores sobre as crianças, algo que sempre foi visto como uma necessidade natural.

Almeida (2012) cita Hannah Arendt para falar acerca de um dos principais equívocos que atualmente são presentes na educação, que é a ideia de que as crianças precisam ser libertadas da autoridade dos adultos, como se elas fossem uma “minoridade oprimida”, e em consequência disso, os adultos ficarem isentos de decisões, que cabem somente a eles, a respeito do processo educacional.

METODOLOGIA

Esse artigo encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa “A glorificação da violência e a degeneração da política no pensamento de Hannah Arendt” do Prof. Ms. Joelson Pereira de Sousa, dessa forma, as discussões aqui realizadas contribuem para a compreensão da situação política das sociedades contemporâneas. Essa temática foi amplamente debatida nos encontros de orientação que ocorreram com o intuito de problematizar a leitura dos textos de Hannah Arendt, bem como, de



comentadores e estudiosos de seu pensamento.

Nesses encontros, além da leitura comentada de textos que foram previamente selecionados, foram realizados e entregues fichamentos ou resumos que, foram utilizados posteriormente como material de estudo para a elaboração do projeto de artigo científico e, também, para a escrita definitiva do artigo. Como se vê esta é uma pesquisa que consiste basicamente em detalhar uma revisão bibliográfica, principalmente nas obras de Hannah Arendt e estudiosos de seu pensamento.

CONCLUSÕES

A educação é o lugar de encontro entre o novo e o velho das gerações humanas, e assim, é também espaço de lutas e articulações, com o objetivo preservar todo o fio histórico que guiou a humanidade durante séculos. Por excelência, a educação possui a tarefa de cuidar dos novos e é justamente aí que reside seu maior desafio, que é educar, mas educar em um mundo que se direciona a ruína. A perda da autoridade e da tradição afeta toda tarefa da educação, uma vez que não é mais possível familiarizar as novas gerações com o conhecimento e práticas de experiências históricas que foram fundamentais na constituição de toda civilização ocidental.

Sendo reconhecida então a atual crise no campo da educação, e sabendo-se que conflitos estão sempre presentes em todos os âmbitos da sociedade. Que seja alcançado um novo modelo de educação, onde o educador, não é um instrutor para que apenas inculque no seu aluno, as habilidades e técnicas necessárias para o mercado de trabalho. Mas que seja o mediador, o representante de um mundo, que mesmo seguindo para a ruína, ainda têm a sua esperança firmada nas novas gerações, que nascem sempre com o poder revolucionário de transformar o mundo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. Ed São Paulo: PERSPECTIVA, 2013.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Davison Schaeffer de. **Hannah Arendt: A Origem da Noção de Autoridade. Ética & Filosofia Política**, v.9, n.1, p.1-10, 2006.

PETRY, Cleryston. **O fim da autoridade na sociedade moderna**. Seminário de Pesquisa em educação da região Sul – IX ANPED SUL, p.1-14, 2012.

SCHIO, Sônia Maria. **Hannah Arendt – História e Liberdade: da ação à reflexão**. 2ª Ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012.